

Carta Proibida a Alguém no Passado ou Atualizando René Magritte

Forbidden Letter to Someone in the Past or Updating René Magritte

Susana Dobal


Doutorado em História da Arte, City University of New York

Docente, Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil

 sudobal@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-3730-6604>

 <https://doi.org/10.29327/2206789.19.32-1>

 Publicado em acesso aberto sob uma licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) 

Resumo

Em tempos confusos, também o próprio tempo se confunde e uma carta pode chegar não a alguém no futuro, mas a alguém no passado. Também em tempos confusos, as entrelinhas se alimentam de imagens subentendidas, e um pintor do passado involuntariamente ilumina um futuro sombrio em que ele não viveu como um indivíduo. Uma carta dirigida a um desconhecido leva, aqui, imagens de René Magritte e notícias de um passado ainda não muito distante. Clique nos links em azul para desvendar os pontos que unem os fatos a imagens mais remotas.

Palavras-chave: literatura epistolar, René Magritte, Brasil

Abstract

In confused times, time itself is also confused, and a letter may not reach someone in the future, but someone in the past. Also in confused times, the space between the lines is fed on implied images, and a painter from the past unintentionally illuminates a shadowy future in which he did not live as a person. A letter addressed to a stranger brings, here, images of René Magritte and news from a semi-distant past. Click on the (blue) links to find the dots that connect the facts to more remote images.

Keywords: epistolary literature, René Magritte, Brazil

Recebido em 10/12/2022

Aceito em 16/01/2023

Publicado em 31/03/2023

Caro desconhecido,

Por caminhos que também desconheço sei que é possível que essa carta chegue não só ao futuro, como ao seu passado. De onde estou, há mais de um século investigações científicas apontaram para a relatividade do tempo, que não passa com a mesma velocidade para todos. A Teoria da Relatividade permite que teoricamente se conceba uma viagem ao futuro, basta conseguir que a velocidade do viajante ultrapasse a velocidade de propagação da luz. Mas ainda estamos empacados no paradoxo que impede ao menos conceber uma viagem ao passado, pois se esse passado for alterado pelo viajante, como ele estaria no futuro do qual teria partido? Embora esse paradoxo freie a aceitação da mera possibilidade de um retorno ao passado, sabemos também que cedo ou tarde alguém enfim vai dar o salto que nos libertará para vivermos mais plenamente a espiral do tempo, que talvez seja algo assim como dimensões paralelas. Não temos nenhuma dúvida de que o passado pipoca no presente, mas estamos ainda confinados na impossibilidade de conceber o futuro também pipocando no mesmo presente. Pulo, portanto, a dificuldade que a lógica atual nos impõe – detalhe técnico a ser resolvido por físicos competentes e filósofos, quem sabe com a ajuda das videntes – e passo ao que nos interessa: daqui do seu futuro te envio uma mensagem que você não deve ler. Por que então me dou ao trabalho de escrevê-la?

Porque quando o meu atual presente for o seu passado, você poderá ler essa missiva e terá em mãos a prova de que tanto, daqui de onde te escrevo, precisamos. O seu futuro é o meu presente e você saberá que alguém já esteve nele antes de você. Porém, espere para ler essa carta só mais adiante, isso é fundamental para que o nosso futuro, que ainda desconhecemos, se configure de outra forma que não as perspectivas sombrias que por hora se apresentam. Como você saberá que é o momento de ler a carta? Você saberá que o meu presente é já o seu passado quando, ao olhar a sua volta, a insensatez geral parecer mais apaziguada. Portanto, dobre o papel ou feche o arquivo, guarde-o em um HD seguro, em um disquete, um CD-Rom ou seja lá qual for a tecnologia que permitiu que essa carta tenha chegado a você e que garanta que a prova da circularidade do tempo não se dissolva em um papel em decomposição ou em um desarranjo de bits irrecuperáveis.

Passo então, ao que você ainda não deve ler

Uma série de circunstâncias levaram o Brasil a uma situação surreal que faz com que, por um lado, falte a uma parte da população não só teto e alimento, mas também chão, e por outro, sob a sensação de vivermos sob o regime de uma irracionalidade assombrosa compactuada coletivamente. Mesmo que houvesse sinais esparsos de uma virada possível rumo ao *nonsense*, a experiência mais radical vivida coletivamente no Brasil ocorreu, inicialmente, no Congresso Nacional quando, por ocasião do *impeachment* da Presidenta da República, os deputados proclamaram seus votos eufóricos ao microfone sob a alegação de, em uma democracia em pleno século 21, falarem em nome da família e de Deus e, diante das câmeras, levaram a todos os lares um espetáculo tragicômico. Aparentemente não foram muitos os que se indignaram por terem suas telas domesticadas invadidas por essas falas surreais. Um jornal satírico, no entanto, detectou estranhas conexões: “Após ser citado por todos os deputados *pró-impeachment*, Deus será investigado pelo Ministério Público”.

As motivações para o voto favorável ao *impeachment* da Presidenta iam da paz de Jerusalém ao aniversário da cidade do deputado votante, passando pelos nomes de familiares cuidadosamente enumerados numa evidência da completa incapacidade de compreender a divisão entre a esfera privada e a pública, ou entre a esfera religiosa e a profissional. O *impeachment* foi justificado oficialmente por acusações a respeito de pedaladas fiscais, uma estratégia financeira recorrente em outros governos, porém oportunamente criminalizada para viabilizar o espetáculo da defenestração da Presidenta da República. Um dos principais artífices dessa defenestração, o presidente da Câmara dos Deputados de então, finalizou o seu voto público rogando: “Que Deus tenha misericórdia desta nação.” Se Deus houver, porém, ele não teve misericórdia do deputado, que logo foi preso por corrupção. Alguém do seu grupo já tinha revelado, em gravação tornada pública, que precisavam tirar a Presidenta do páreo sob o risco de escorrerem todos ralo abaixo com as investigações em curso, que ela não freou, a respeito da corrupção compactuada em diferentes esferas do governo.

Entre os demais deputados, destacou-se também um capitão que dedicou o seu voto a um coronel de ideias quase brilhantes sobre requintes de tortura que envolviam, por exemplo, levar as crianças para verem seus pais serem torturados a fim de extrair confissões, ou ainda, inserir baratas na vagina de mulheres. A própria Presidenta defenestrada foi também torturada décadas antes durante o período da ditadura, em sessão comandada pelo tal coronel. Esse era um dos motivos pelo qual o deputado

capitão, ao votar pelo *impeachment*, fez uma homenagem à memória desse torturador-mor conhecido como “o senhor da vida e da morte que escolhia quem ia viver e morrer” nas masmorras da ditadura brasileira. Esse coronel é o autor do livro de cabeceira do capitão deputado, como ele fez questão de declarar – o que provocou, à época, o aumento de vendas do livro. No entanto, não houve, contra as terríveis palavras do capitão, sequer uma moção de repúdio do Conselho de Ética e Decoro Parlamentar da Câmara dos Deputados. Um deputado enojado chegou a cuspir na direção do capitão indecoroso, motivado também pelos xingamentos homofóbicos do tal capitão. O resultado foi que o deputado homossexual que cuspiu recebeu não só uma censura escrita do Conselho de Ética como ameaças de morte anônimas, além de ofensas violentas em seus passeios diários pelas ruas cariocas, o que o levou a se exilar do país. O ofensor que idolatrava publicamente o torturador, por sua vez, foi eleito Presidente da República.

A partir de então um canhão desvairado disparou desatinos para todo lado. No alto escalão que acompanhou o governo eleito, acredite ou não, muitos defendiam que a terra é plana. Cumprindo promessas eleitorais, foram tomadas medidas para flexibilizar o porte de armas enquanto ligações perigosas entre a milícia carioca e a família do capitão eram ora insinuadas, ora abafadas. O novo diretor da Fundação Palmares, que cuida da herança cultural afro-brasileira, chamou o movimento negro de “escória maldita” formada por “vagabundos”. Cargos de direção estratégicos para a fiscalização do meio ambiente foram trocados para permitir que boa parte da Amazônia, do Pantanal e do Cerrado pudesse virar brasa a fim de abrir caminho para o agronegócio e para a exploração das florestas por parte de madeireiros e garimpeiros. Mas não houve indignação suficiente para frear o afã destruidor, e quando uma terrível peste começou a se alastrar no país, o Ministro do Meio Ambiente, referindo-se a uma flexibilização das leis, sugeriu deixar passar a boiada enquanto a mídia estava ocupada em contar os mortos – a metáfora da boiada traía de qual lado ele e seu bando estavam, frente ao lumaréu no meio ambiente que o cargo dele deveria proteger. Logo viria à tona que o mesmo ministro acobertou a extração ilegal de toneladas de madeira extraída da Amazônia.

Os disparates não cessaram. Como quem teme dar de cara com o seu reflexo no espelho, o capitão atacou verbalmente a imprensa desde o primeiro dia da sua posse e logo todas as assinaturas de jornais e revistas do Palácio do Planalto foram suspensas. Ministros do Supremo Tribunal Federal chegaram a se pronunciar e barrar medidas despropositadas do presidente; como resposta, manifestantes foram às ruas para insultar

o STF e pedir a volta da ditadura. Mais de três mil militares foram colocados em cargos cruciais ao funcionamento da máquina administrativa federal – número que viria a coincidir com a média diária de mortos no país por conta de uma pandemia mal administrada. Um militar especialista em logística virou Ministro da Saúde incapaz de lidar com uma peste avassaladora que deixou U.T.I.s lotadas, pessoas morrendo por causa da saturação dos hospitais que ficaram sem oxigênio e sem medicamentos fundamentais para a intubação que poderia salvar vidas, além de causar um atraso colossal em prover vacinas para a população. Enquanto isso, o tal ministro compactuava com as medidas defendidas pelo capitão a fim de oferecer tratamentos inúteis para uma doença muitas vezes fatal. Eles esperavam, assim, poder acalmar a população com promessas vazias e chegaram a afirmar que traziam esperança para o povo. Apesar de tudo isso, a credibilidade do capitão não despencava.

Foi então que da espiral do tempo começaram a surgir cometas fazendo pipocar nas telas de tv brasileiras cenas de filmes ambientados nos anos 1930 e 1940, época em que a população civil teve que lidar com o avanço do nazismo na Europa. Quem tinha os olhos voltados para o céu pôde ligar os pontos para desenhar as constelações dispersas na galáxia temporal. Em um documentário, por exemplo, um professor de Harvard havia pedido a pessoas recém-chegadas aos Estados Unidos fugidas do nazismo, que escrevessem sobre suas experiências cotidianas na Alemanha e em países ocupados. O material ficou esquecido por décadas, até ser recuperado pelo cineasta e transformado em filme. Em um dos manuscritos, uma jovem conta que na escola uma menina judia estava sendo atacada por outras e ela e uma amiga foram defendê-la. A professora chegou e perguntou afinal de que lado que elas estavam. A pancadaria prosseguiu e só finaliza quando a menina parou de chorar, para sempre. A autora do relato concluía: “no entanto, todos gostavam da menina”. Como pôde uma estranha conjunção histórica permitir que cenas como essa fossem toleradas pela sociedade? Qual circuito moral foi rompido no cérebro de cada um dos entes sociais? Como a paixão pelo ódio cegou os cidadãos a ponto de a maioria deles serem magnetizados por um lunático monstruoso? No Brasil, durante a campanha eleitoral, entre outras situações violentas, o mestre de capoeira conhecido como Moa do Katendê foi morto a facadas em Salvador por causa de uma discussão sobre a eleição presidencial que levaria o capitão ao poder. Em Foz do Iguaçu, no Paraná, um militante do Partido dos Trabalhadores foi morto na sua festa de aniversário pelo simples motivo de ter feito uma festa cujo tema era o PT. Esses eram os

rastros do ódio que começavam a faiscar junto com o candidato vitorioso e a espantosa proliferação de armas que não por acaso também o acompanharia, já que uma promessa de campanha cumprida foi justamente liberalizar a posse e o porte de armas.

Em outros filmes, a Resistência francesa precisava se imiscuir na sociedade para buscar informações e atuar clandestinamente durante a ocupação alemã nos anos 1940. Isso significava que enquanto muitos perambulavam alegremente pelas ruas ou em bares e restaurantes como se nada estivesse ocorrendo, como se não houvesse deportação, campos de concentração e extermínio dos resistentes, como se a mata brasileira não estivesse ardendo e as terras indígenas não fossem diariamente invadidas a bala, como se o índice de suicídio entre jovens índios não alcançasse níveis infames, enquanto alguns, enfim, celebravam o fato de a Terra, plana ou não, o que importa(?) continuar a girar, outros procuravam um olhar cúmplice de indignação. Viver naquela época era ainda mais perigoso pois um erro ao julgar o outro poderia ser fatal. Havia suspeita no ar antes, muito antes, na época daqueles filmes, e mais recentemente, quando, nos dias seguintes ao resultado das eleições, ao entrar no elevador, se tornara inevitável indagar silenciosamente em quem o vizinho teria votado. Quem, na hora de votar, se vestiu de branco no segundo turno das eleições brasileiras que elegeram o capitão, foi provavelmente fuzilado por um olhar verde e amarelo. As reuniões familiares e as antigas amizades ficaram abaladas por essa divisão revivida entre os que se sentem confortáveis com posturas condescendentes com o nazismo e os ditos comunistas que ardem em revolta. Ainda que soubéssemos que tudo se divide em um festival de nuances, o mundo se dividiu em dois. E como nem tempo nem espaço são barreiras na hora de ligar os pontos, o presidente do Brasil declarou-se, unilateralmente, um aliado do presidente dos Estados Unidos, cujas afinidades com a extrema direita eram também explícitas.

Naquele país sob o comando do aliado involuntário do capitão, um homem negro foi morto sufocado na frente das câmeras, por um policial branco. Ele clamou que não conseguia respirar, mas isso foi inútil para sensibilizar o rinoceronte cujo joelho pressionava o pescoço do homem agonizante. A cena causou comoção nacional e internacional, além de manifestações pacíficas e violentas. Também no Brasil houve indignação, embora menos do que na ocasião em que, cerca de um ano antes, um músico negro que se dirigia a um chá de bebê com o seu filho de sete anos, no Rio de Janeiro, teve o seu carro confundido com o de outra pessoa. O carro foi metralhado por militares com oitenta tiros que o levaram à morte, mas deixaram vivo o seu filho que

assistiu a tudo no país onde integrantes do movimento negro podem ser chamados, impunemente, de “escória maldita” e onde 80% dos mortos pela polícia são negros. Nos Estados Unidos, o presidente tornado aliado do capitão comentou que o americano negro que foi morto deveria estar feliz no céu com a reação que se seguiu nas ruas americanas, e não satisfeito completou que os brancos também são vítimas de policiais.

Se por um lado a afinidade de vítimas e de governantes aliviou o fardo de nos vermos como uma surreal República das Bananas, por outro, a coincidência de situações que emergiram nos dois países revelava que circunstâncias históricas podem trazer à tona a maldade humana peçonhenta e contagiosa, como um vírus infeccioso que se alastra legitimamente pelo voto. Bastou a emergência de líderes funestos, democraticamente eleitos, para que uma sombra avassaladora viesse abafar a esperança de encontrar elos que unam as pessoas, mesmo nas diferenças.

Por que você não podia ler essa carta antes? Sim, tenho a esperança de que você atendeu meu pedido e chegou até aqui porque o cenário ao seu redor já está apaziguado nesse futuro que é seu e talvez também meu, onde quer que eu esteja, flutuando na espiral do tempo, nesse meu momento mais incerto do que a sua atualidade. Nós precisávamos que você atravessasse o que vivemos agora sem ter um *spoiler* que estragasse a surpresa e te tornasse mais uma criatura perigosamente imune ao presente. Aqui de onde te falo, vejo com outros olhos [uma pintura do René Magritte](#) que não sei se já terá sido pintada no seu tempo. Nela víamos homens de sobretudo e chapéu côco comportadamente chovendo na rua, com seus corpos equidistantes. Esse quadro, em tempos mais inocentes, parecia uma ode esperançosa à imaginação, em plena normalidade de cidadãos se dirigindo ao trabalho, rodeados por fachadas acinzentadas. Mas assim como o tempo é elástico e varia conforme a gravidade, também as imagens se metamorfoseiam por dentro enquanto dissimulam, fazendo cara de mesmice. Os homens de sobretudo tornaram-se rinocerontes urbanos disfarçados, flagrados em um momento qualquer a caminho do transporte público. Estamos confinados em um cenário distópico regado com declarações indiferentes do capitão no comando sobre as mais de três mil mortes diárias, em um país sacrificado por uma suposta gripezinha mal administrada. A pele de muitos dos cidadãos se tornou espessa como a dura crosta que protege os rinocerontes. Quis o destino que não seja nenhum Deus, ou mesmo um messias qualquer, que está no comando, mas um rinoceronte-mor. Na passagem do tempo, os homens flutuantes sucumbiram sob a forma de cidadãos insensíveis. Precisamos da sua

surpresa, da sua perplexidade, da sua indignação, do seu desprezo, da sua revolta, da sua cólera, só ela poderá fazer com que os homens do quadro parem de cair sobre nós e volte a flutuar. O passado, que está ele mesmo sempre em transformação, há sim de alterar o futuro. Se você está lendo essas palavras e atendeu meu pedido inicial, você sentiu na pele a violência do ultraje. Estaremos, então, mais próximos de uma salvação, ainda que provisória. Uma tropa clandestina de resistentes disfarçada de trupe há de um dia ter trocado olhares cúmplices em meio aos rinocerontes do espetáculo circense ocorrendo nas ruas, a céu aberto. Espero, então, que durante uma das nossas crono errâncias em algum ponto do redemoinho, possamos, quem sabe, nos encontrar.